

Registo de Autoridade Arquivística

Augusto Pires Celestino da Costa

Identificação

Tipo de entidade

Entidade singular

Forma (s) autorizada (s) do nome

Augusto Pires Celestino da Costa

Descrição

Datas de existência

Lisboa, 18 de abril de 1884 – idem, 27 de março de 1956

História

Investigador e cientista português, decisor público associado à criação e organização do primeiro organismo público de financiamento de ciência em Portugal, Augusto Celestino da Costa graduou-se em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 1905, com uma tese sobre as glândulas supra-renais. Aluno de Marck Athias no Laboratório de Histologia do Hospital de Rilhafoles, «assistente livre» no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, entre 1907 e 1910, realizou diversos estágios no estrangeiro (Instituto Anátomo-Biológico de Berlim, sob orientação de Oscar Hertwig, entre 1906 e 1907, e na Bélgica, no laboratório de Albert Brachet). Em 1910, reingressa na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa como «preparador de Histologia e Fisiologia» e pouco depois, a partir de 1911, como assistente da entretanto criada Faculdade de Medicina. Aqui funda o Instituto de Histologia e Embriologia com Pedro Roberto Chaves, Luís Simões Raposo e Alfredo Magalhães Ramalho. Datam desta época os primeiros trabalhos que publica na imprensa científica

internacional (Buletin de l'Académie Nationale de Médecine de Paris, Comptes-Rendus de l'Association des Anatomistes de que foi membro a par de Marck Athias) e nacional (Medicina Contemporânea, Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais entre outras). Celestino da Costa já então começava a ser conhecido pelas suas investigações em torno das secreções internas, da endocrinologia, mas igualmente pelo seu empenho na causa de regeneração cívica nacional através da educação e da cultura científica, tendo sido secretário da Comissão de Revisão do Ensino Universitário. Próximo de António Sérgio e do movimento da Seara Nova no entendimento do papel transformador da educação, da cultura, da ciência e da técnica, sócio e presidente da Sociedade de Estudos Pedagógicos, membro fundador da Liga de Acção Nacional e signatário do seu manifesto, em 1918, logo nesse ano publica «A universidade portuguesa e o problema da sua reforma», texto que resultara de duas conferências onde debatera as dificuldades da reforma de 1911 (criação das universidades de Lisboa e Porto), e apresentara um retrato crítico da Universidade portuguesa perante a investigação que se efetuava, para lembrar que «o objectivo primacial do ensino superior é a criação da ciência nova».

Sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais em 1907, Celestino da Costa veio entretanto a integrar a direcção do Aquário Vasco da Gama, Estação de Biologia Marítima criada em 1898, em equipa liderada por Antero de Seabra. Pouco depois, entre 1916 e 1923, Celestino da Costa assume a direcção desse estabelecimento científico, atividade que manterá a par da direcção do Laboratório Central de Análises Clínicas dos Hospitais Cívicos de Lisboa (em 1919), de cujo Conselho Técnico faz parte também. Com Marck Athias e Abel Salazar funda, entretanto, os «Arquivos Portugueses de Ciências Biológicas» e, mais tarde, a Sociedade Portuguesa de Biologia (1920).

Celestino da Costa desempenhou um papel fundamental na inscrição da Ciência entre os negócios políticos através da Junta de Educação Nacional, de que foi sucessivamente vogal, vice-presidente e presidente, entre 1929 – ano da criação deste organismo – e 1936, ano em que assumiu a presidência do Instituto para a Alta Cultura que lhe sucedeu. À frente deste último Instituto, a acção de Celestino da Costa pautou-se pela definição e regulação da atividade

de investigação científica como parte integrante de uma política pública de ciência, bem como pelo delineamento prático de um sistema de apoios (bolsas, subsídios) para a formação avançada de cientistas portugueses. Celestino da Costa propôs ainda regular as relações entre investigação científica e universidades, bem como as relações culturais internacionais que o Estado deveria promover como política de civilização, que além da ciência teria como ramos a cultura, as artes, a língua e as literaturas.

A par do seu desempenho como gestor de ciência continuou a investigar. Bolseiro da Fundação Rockefeller, realizou uma estadia no Laboratório de Embriologia da Universidade de Londres, em 1934, não deixando de participar profusamente na consolidação do associativismo científico nacional. Pela mesma época, foi secretário-geral da recém-criada Sociedade Anatómica Portuguesa (1933), mais tarde (1945-1950) seu presidente por aclamação, presidente da direção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (1946-1949) e presidente da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia (1953), que ajudara a fundar com Iriarte Peixoto.

Os anos da II Grande Guerra são anos de crispação e desconfiança. Celestino da Costa é afastado da presidência do Instituto para a Alta Cultura e da direção da Faculdade de Medicina de Lisboa (1942), permanecendo à frente do serviço de Análises Clínicas dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Projeta uma hipotética ida para os Estados Unidos da América que não concretiza.

No âmbito da investigação e do ensino foi particularmente importante a capacidade analítica de Celestino da Costa a par de um espírito de síntese bem testemunhado num catálogo com cerca de 390 títulos, maioritariamente artigos científicos dados à estampa em edições internacionais, nos quais sistematizou criticamente as principais aquisições científicas e técnicas do seu tempo: o conhecimento da estrutura e da função das secreções internas, a "descoberta" das hormonas (último quartel do século XIX), o isolamento da insulina (1922), a constituição do colesterol (1935), bem como a síntese de diversos esteróides (anos 40 do século XX). A sua obra privilegiou a Histologia, a Embriologia, a Endocrinologia sem esquecer a matriz biológica e sem deixar

de evidenciar um interesse constante com as temáticas da história e da educação, a universitária e a médica em particular.

Observador e homem da imagem, Celestino da Costa foi também hábil desenhador, a ele ficando a dever-se muitos dos esquemas e diagramas com que ilustrou os seus trabalhos científicos. No capítulo da fotografia médica e das técnicas associadas à microscopia chegou mesmo a publicar um título, «A Microfotografia» (1940), e deu particular atenção aos métodos de preparação, coloração e fixação de tecidos ciente da sua importância para a validação das inferências biomédicas.

Celestino da Costa foi sensível às artes e à paisagem de Lisboa, cidade em que nasceu e a que dedicou alguns trabalhos como «Introduction à la connaissance de Lisbonne» (1933), «Lisboa, capital de Portugal» (1941), tendo presidido à Junta Directiva do Grupo dos Amigos de Lisboa, em 1947. Colaborador na Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira, publicou entretanto obras de divulgação sobre «O corpo humano» pela Biblioteca Cosmos de Bento de Jesus Caraça, a par de livros técnicos especializados como o «Manual de Técnica Histológica» (1921), com Pedro Roberto Chaves, ou «Éléments d'embryologie» (1938) pela editora francesa Masson et Cie., obra de referência no seu género que teria uma versão castelhana em 1945 e ainda reedição francesa em 1948.

O prestígio de Celestino da Costa ficou bem plasmado nas diversas distinções honoríficas com que foi agraciado bem como pelos convites que recebeu para participar em encontros internacionais de ciências na Europa e na América do Sul. Data de 1950 a estadia que realizou no Brasil onde profere conferências (Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Cancerologia), sendo convidado a ocupar-se da regência da disciplina de Histologia e Embriologia na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Apesar do seu reconhecimento internacional, não se livrou de ser incluído na lista de personalidades abrangidas pela Resolução do Conselho de Ministros de 18 de junho de 1947 que «desligava» ou «aposentava» compulsivamente do serviço público todos aqueles que se considerara serem opositores do regime.

Reintegrado, pouco depois professor jubilado da Faculdade de Medicina de Lisboa (FML), continuou a sua atividade como investigador e diretor do Instituto de Histologia e Embriologia (IHE). Faleceu em Lisboa no decurso da 43ª reunião da Association des Anatomistes a cujos trabalhos assistia na qualidade de presidente, em 27 de março de 1956.

Membro de diversas agremiações internacionais de ciência, entre as quais a Association des Anatomistes (de França), o Colégio Anatômico Brasileiro e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a Zoological Society of London, a Académie Royale de Médecine de Belgique, de que fora eleito membro honorário correspondente estrangeiro em 1939, membro titular do Institut International d'Embryologie, foi distinguido com o grau de Doutor Honoris Causa pelas faculdades de medicina de São Paulo (Brasil), Bordéus, Toulouse e Montpellier. Celestino da Costa foi, igualmente, Conselheiro de honra do Consejo Superior de Investigaciones Científicas de Espanha, agraciado com o grau de Comendador da Légion d'Honneur de França, «membro correspondente estrangeiro» da Académie Nationale de Médecine de Paris, doutor Honoris Causa pela Faculdade de Medicina de Montpellier. Personalidade diligente e cosmopolita, bem relacionada nas redes internacionais de ciência foi, apesar das adversidades, um notável trabalhador, íntegro e inteiramente devotado à causa da ciência portuguesa.

Lugares

Lisboa

Funções, ocupações e atividades

Cientista, investigador, professor universitário, gestor público.

Contexto geral

Cobrindo um pouco mais que a primeira metade do século XX, a atividade cívica, científica e docente de Celestino da Costa teve como pano de fundo diversas conjunturas críticas que abalaram profundamente a Europa e Portugal: uma agitada transição da monarquia para a república, o eclodir da I Guerra Mundial, a que se seguiu um período conturbado de governos efémeros

entrecortados por conflitos e ações violentas, a progressiva montagem do regime autoritário de António de Oliveira Salazar a partir de finais dos anos 20, culminando ainda com a II Grande Guerra e, após 1945, o restabelecimento interno de uma paz forçada após um brevíssimo momento de ilusão democrática. A extensão dos problemas da pobreza e do analfabetismo, a escassez de todos os géneros e a débil industrialização, uma pouco expressiva opinião pública, enfim vieram reforçar o *status quo* de um regime autoritário pertinaz. A censura e as perseguições que haviam tido um primeiro abatimento sobre cientistas e investigadores, em 1935, novamente descem sobre a universidade e na *purga* de 1947 atingem o próprio Celestino da Costa, já catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, cinco anos depois de ter sido afastado da direção do Instituto para a Alta Cultura.

Celestino da Costa fora educado num ambiente favorável ao progressismo que a propaganda republicana reclamara como seu. Foi portanto apesar desses «revezes» e das circunstâncias da política interna portuguesa, um defensor empenhado na causa da educação pública, da ciência e da cultura. Esta última faceta consubstanciar-se-á no seu interesse reiterado pela modernização do ensino médico e pela consolidação nas universidades portuguesas de práticas pedagógicas baseadas nos modernos métodos laboratoriais de experimentação e observação direta, análise e descrição objetiva de factos, mais tarde ainda enunciado no seu projeto de criação de um «Instituto Nacional de Investigação Biológica» (1945) que devia reunir os três domínios fundamentais de especialização, vegetal, animal e humana.

A atividade de Celestino da Costa reflete e intervém pois diretamente num ciclo de ação institucional pautado pelo reconhecimento da ciência como setor carente de investimento público, sistemático, no quadro da primeira República, embora com limitações várias, desde logo, a organização frágil e a exígua dotação orçamental. Tal ciclo incorpora, por outro lado, a mudança de conjuntura forçada com a ditadura militar e a assunção de um modelo de Estado autoritário com reflexos sensíveis ao nível de um mais estreito controlo institucional dos organismos públicos, controlo que o próprio Celestino da Costa experimentou em vários momentos (1934, 1942, 1947). Nos anos finais da carreira, Celestino da Costa é um cientista consagrado e acarinhado pelas

principais instituições europeias e americanas de ciência que entretanto, com o fim da guerra, abraçariam novo ciclo de euforia técnico-científica.

Relações com outras entidades

Nome da entidade	Tipo de relação	Datas da relação
Junta de Educação Nacional	Direção	1929-1936
Instituto para a Alta Cultura	Direção	1936-1942
Faculdade de Medicina de Lisboa	Direção	1935-1942
	Docência	?-1947
Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina de Lisboa	Direção	1956
	Investigação	

Controlo

Regras e/ou convenções

Conselho Internacional de Arquivos – ISAAR (CPF): «Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias»; Segunda Edição, disponível em: http://www.ica.org/sites/default/files/CBPS_Guidelines_ISAAR_Second-edition_PT.pdf

Estado do registo de autoridade

Finalizado

Nível de detalhe

Médio

Datas de criação, revisão ou eliminação

2017-02-06

Língua e escritas

PT (Português)

Fontes

«Notas biográficas de Augusto Pires Celestino da Costa» (nd.); documento autógrafa policopiado. Arquivo de Ciência e Tecnologia, Espólio Augusto Pires Celestino da Costa. Código de referência: PT/FCT/ACC/002/28.

AAVV; «Sessões de homenagem no centenário do professor Augusto Celestino da Costa na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa/na Faculdade de Medicina de Lisboa»; in *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, tomo CXLIX, nº 6, junho de 1985.

Jaime Celestino da Costa (nd.): «A geração de 1911 – origem, realização e destino»; ex. policopiado disponível no Arquivo de Ciência e Tecnologia, Espólio José Francisco David Ferreira. Cota: B.56.008.02 (pasta 009953).

Isabel Amaral, David Ferreira, R.E. Pinto, A. Carneiro (2001): «A Escola de Histofisiologia de Augusto Celestino da Costa (1911-1956)», *Actas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica*, pp. 615 – 629. Ex. policopiado disponível no Arquivo de Ciência e Tecnologia, Espólio José Francisco David Ferreira. Cota: B.56.008.02 (pasta 009953)

Notas de manutenção

Arquivo de Ciência e Tecnologia